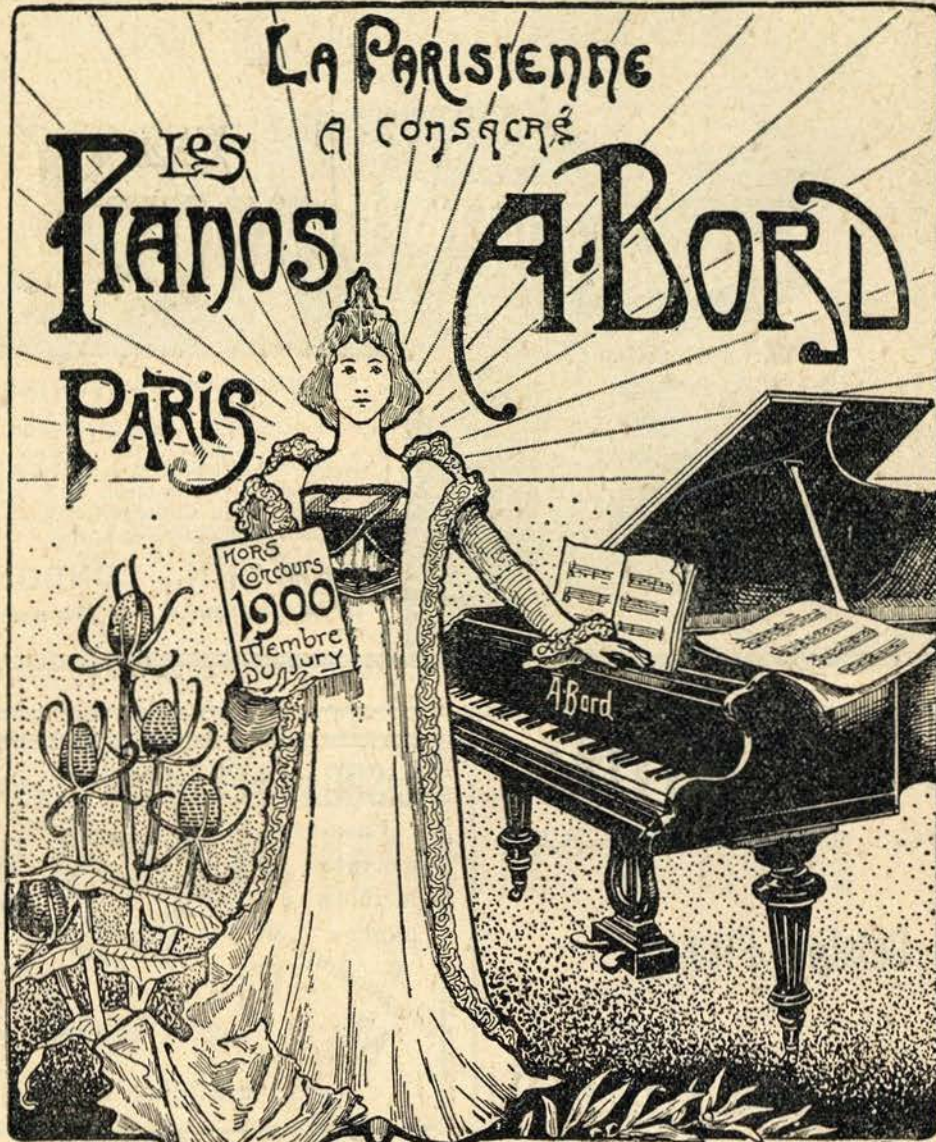


ANNO V
NUMERO 97



A ARTE MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA



14^{bis} BOUL^d POISSONNIERE *Haitte*

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000 pianos
Produção até hoje.....	100:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury—Hors Concours



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia.—Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.—Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—Rei d'Inglaterra.—Rainha Regente de Hespanha.—Rei da Romania.—SS. AA. RR. o Duque de Saxe Coburgo-Gotha.—Princeza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).

BERLIN N. LONDON W
57, Johannisstrasse 40, Wig more Strett

LAMBERTINI
UNICO DEPOSITARIO
DOS
Celebres Pianos
DE
BECHSTEIN

LUVARIA
GATOS

—◆◆◆—
260, Rua Aurea, 270
LISBOA

LISBOA ELEGANTE
Casa especial de
gravatas, col-
larinhos e
punhos.

M. C. ALVES
NOVIDADES
DE
LONDRES E PARIS

15 a 17 PRAÇA de D. PEDRO—LISBOA

TRIDIGESTINA LOPES
Preparada por F. LOPES, (pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL
De F. LOPES & C.^a
108, R. DE S. PAULO, 110—LISBOA

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

PROPRIETARIO E DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

LISBOA

42, Rua da Bombarda, 50

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO — 1903 — Alfredo Bruneau — Theatro de S. Carlos — Argumentos d'operas — Concertos — D. Beatriz da Fonseca Pinheiro — Notas vagas — Noticiario — Secção litteraria — Bibliographia.

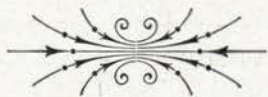
1903

Começamos um novo anno, que já é o quinto d'esta publicação, e podemos ufanar-nos de ter até hoje mantido sem desfalecimentos e sem concessões, a linha de conducta que em 1899 nos impuzemos ao encetar esta publicação d'arte.

A inquebrantavel diligencia e o acrisolado amor que temos dedicado á obra de expansão, que este quinzenario representa, de pouco ou nada valeria, se outros factores de grande força se não tivessem alliado para valorisar essa obra — a collaboração inestimavel dos primeiros criticos do nosso paiz e o favor sempre crescente dos nossos assignantes e leitores.

Saudamos pois os nossos queridos e illustres redactores e collaboradores e todos os que, directa ou indirectamente, teem concorrido para a sustentação ou engrandecimento material d'esta revista, desejando a todos um anno de venturas.

A DIRECCÃO.



Alfredo Bruneau

O celebre auctor do *Rêve* e de *l'Ouragan* nasceu em Paris a 3 de Março 1857. Tendo entrado no Conservatorio em 1874, alcançava dois annos depois o primeiro premio de violoncello na classe de Franchomme. Seguiu depois os cursos de harmonia, de Savard, e de composição, de Massenet, alcançando em 1881 o primeiro dos segundos grandes premios de Roma.

Não obstante todas essas distincções, e de haver conquistado o mais subido conceito dos seus professores, e em especial de Massenet, que o distinguio bem depressa como um dos de mais largo futuro artistico, Bruneau teve de soffrer as difficuldades que se suscitam quasi sempre aos novos compositores, antes de

encontrar francas e abertas as sallas de theatro, para lhes receber as producções. O que n'outro qualquer poderia causar desalento, não lhe fez nenhum desanimo, e assim vemol-o dedicar-se momentaneamente ás composições symphonicas, tendo-se executado successivamente a *Ouverture heroique* nos Concertos Padeloup, nos de B. Godard, *Léda*, poema antigo, e nos de Colonne *Penthésilée*, mais tarde executada nos dirigidos por Lamoureux.

A primeira composição theatral de Bru-



neau, que logrou representar-se, *Kerim*, foi escripta sobre um poema de Millet e Lavedan, e deu-se no theatro lyrico de Paris, durante um dos seus ephemeros periodos de existencia. Optimamente acolhida do publico e da critica, não era ainda a obra definitiva por onde se havia de aquilatar o merito do joven compositor.

Havia de ser o anno de 1891 que estabelecesse solidamente a sua reputação. A 18 de junho d'elle, representava-se pela primeira vez *Le Réve*, extrahido do romance de Zola por Louis Gallet. Data d'essa brilhante entrada na scena lyrica de Alfredo Bruneau, o crescido numero de admiradores e partidarios entusiastas que sem reboço se declararam francamente por elle. Sem embargo, o compositor affirmava energeticamente as suas theorias independentes e novas no dominio da Arte, ás quaes uma segunda tentativa, ainda mais brilhantemente coroada pelo successo—*L'Ataque du moulin*, assumpto de Zola, arranjado para a scena lyrica por Gallet—havia de assegurar plena victoria.

L'Ataque du moulin cantou-se na *Opera-comique* a 23 de Novembro de 1893, alcançando o mais ruidoso e prolongado exito. Logo a seguir um crescido numero de cidades da provincia secundaram o successo da capital, levando á scena dos respectivos theatros a nova composição, que tanto lustre dava á musica franceza.

A terceira composição theatral de Bruneau—*Messidor*—representou-se na *Opera* em 1897, e sem embargo das paginas magistraes que encerra, não alcançou o exito da precedente. D'esta vez o poema era de Zola exclusivamente, e data d'então a collaboração tão estreita entre Zola e Bruneau, forçosamente interrompida pela morte funesta do grande romancista no fim do anno passado. Ambos entusiastas e absolutos partidarios dos poemas em prosa, juntavam a sua eloquente e superior collaboração para patrocinarem a nova forma do drama musical moderno.

Sem embargo de que Bruneau seja um habil escriptor e litterato, como o revelam os seus livros: *Musiques d'hier et de demain*, e *Musique française*, interessante e bem dirigido relatorio que apresentou no anno de 1901 ao ministro das Bellas-Artes, de França, a sua confiança em Zola era tão funda, que desde *Messidor* as obras de Bruneau, foram todas escriptas por Zola. D'estas, *L'Ouragan*, representado na *Opera-comique* a 29 d'Abril de 1901, teve o mais colossal successo que o compositor pôde contar no seu activo, e foi um dos mais grandiosos da musica moderna, indubitavelmente.

Não se deixando adormecer sobre o novo triumpho, o compositor dedicou-se immediatamente a escrever a musica d'uma Comedia lyrica *L'Enfant roi*, que foi a derradeira producção que Zola escreveu.

Fóra da musica theatral, Bruneau tem publicado (sobre poesias de Catulle Mendés) os *Lied de França*, *Chansons á danser*, e um *Requiem* para sólos, coros e orchestra, executado pela primeira vez em 1896, em Londres, e logo depois nos concertos da *Opera*, de Paris.

Critico eminente, redigiu a secção do *Gil-Braz* de 1892 a 1895, substituindo Victor Wilder. N'este ultimo anno passou para o *Figaro*, indo substituir o antigo critico Ch. Darcourt, quasi ao mesmo tempo que era agraciado cavalleiro da Legião de Honra pelo governo francez.

Na pleiade dos modernos musicos francezes, tão rica de individualidades superiores, Alfred Bruneau é uma das mais eminentes, e das que, promettendo ainda muito, já nos deram nas obras executadas a mais brilhante confirmação do valor proprio.



Durante os ultimos 15 dias houve mais 4 recitas extraordinarias, cantando-se o *Othello* em 30 de dezembro, *Africana* em 3 de janeiro, *Bohème* no dia 7 e a *Hebréa* a 9. A *Africana* parece ter sido uma recita de prova para dar logar á rescisão do contracto do tenor Bieletto. Mas se a empresa se viu livre d'um tal artista tambem a paciencia dos frequentadores de S. Carlos foi submetida a dura prova, tendo de assistir á exhibição d'uma opera que da *Africana* de Meyerbeer quasi que só tinha o nome.

Na tal *Africana* e na *Hebréa* tivemos occasião de ouvir a Sr.^a Amelia Pinto, a quem já nos referimos no numero anterior d'este jornal, dizendo então que esta artista «dispõe de voz extensa, de timbre agradável, canta com afinação, é correcta na dicção e, o que é mais e hoje muito raro, sabe cantar.» Na *Africana* e na *Hebréa* confirmou a Sr.^a Amelia Pinto todas aquellas magnificas qualidades, mas tambem se manifestou uma artista moderna em toda a accepção da palavra, peccando pela deficiencia de estudos de vocalisação, sem os quaes não é possivel cantar bem uma opera do antigo repertorio. Culpa da artista? Com certeza que não.

Unica e exclusivamente culpa do publico, que com uma inconsciencia pertinaz vae applaudindo e acceitando como boa a orientação adoptada pelos compositores modernos na factura do drama ou da comedia lyrica, embora musicos distinctos se revoltam já contra uma tal orientação.

Digamol-o sem reboço: a opera italiana, para corresponder á tradição, ou ha de ser melodica ou tem de deixar de existir. Teremos de voltar ao antigo e isso será progredir, como disse Verdi. O artista cantor terá de saber cantar uma aria ou uma romanza. Terá de fazer para isso os estudos precisos e deixará de se contentar com o commodo trabalho de fazer voz, capaz de sobressair á ostentosa e estrondosa polyphonia orchestral moderna.

Não voltaremos com certeza á epoca d'uns simples contratempos feitos pelo quarteto de corda a uma melodia construida sobre uns accordes de tonica e dominante. A orchestra, embora ceda um pouco da sua preponderancia symphonica, ha de conservar o lugar que lhe compete. Mas o cantor terá de voltar a ser o interprete de sentimentos, quer ternos e apaixonados quer odientos ou sarcasticos, que por meio de melodias apropriadas conseguirá transmittir ao auditorio, fazendo-o vibrar de entusiasmo. E tanto isto é verdade que, noites de grande entusiasmo e de espontaneas ovações só as vemos quando algum artista, educado na velha escola, se apresenta a cantar alguma das operas do antigo repertorio. Ainda na epoca lyrica passada tivemos d'isto bem frisantes exemplos quando foram cantados os *Puritanos*, *Elixir d'amor*, *Lucia*, etc.

Com a eliminação das arias, cavatinas e romanzas na opera moderna não nos surpreheende pois que os mais bem cotados artistas da actualidade não possam nem saibam cantar uma opera do velho repertorio. Demais, a necessidade que o cantor tem de fazer entrar no seu repertorio operas de estylo e indole muito differente, por vezes escriptas bem pouco em harmonia com a tessitura da voz de que dispõe, obriga a esforços que arruinam a mais resistente larynge.

Já que a Sr.^a Amelia Pinto nos deu lugar a esta divagação, sirva-nos tambem para exemplificar o que deixamos dito.

A Sr.^a Amelia Pinto nasceu em Palermo em 1878. Fez os seus estudos musicaes no lyceu de St.^a Cecilia, em Roma, com a professora Sr.^a Zaira Cortini Falchi. Debutou na *Gioconda* em 1899, no Teatro Grande di Brescia. Principiou portanto a sua carreira lyrica aos 21 annos, com uma opera lyrica

de subido valor como é a *Gioconda*. Mas em setembro de 1900 cantou a *Tosca*, opera moderna, no Teatro Giglio di Lucca e em dezembro do mesmo anno o *Tristão e Isolda*, opera de Wagner, no Scala, de Milão. Em abril de 1901 foi escripturada para o theatro lyrico de Buenos-Aires, onde tinha de cantar: *Tannhauser*, *Tristão e Isolda*, *Rainha de Sabá*, *Othello*, etc. Em novembro estava de volta em Milão, onde no salão Perosi cantou a parte de *Sephora* na oratoria *Moisés*, de Don Lourenço Perosi.

Na abertura do lyrico de Milão em 26 de dezembro de 1901, apresenta-se a Sr.^a Amelia Pinto a cantar a parte de *Brunilde*, na *Walkiria* de Wagner.

Ahi temos portanto uma artista, no começo da sua carreira lyrica, mal tendo tempo para estudar e comprehender bem um determinado estylo, ahi a temos a cantar musicas das mais descontradas indoles, opera antiga, opera moderna, incluindo algumas das mais importantes de Wagner, como são o *Tristão e Isolda* ou a *Walkiria*, e até musica sacra, para a qual os antigos mestres de canto faziam um estudo especial, como já tivemos occasião de indicar quando nos primeiros numeros de 1901 foram publicados n'este jornal alguns artigos intitutados «Cantores antigos e modernos».

Mas voltemos ao assumpto principal da nossa chronica.

Na *Africana* debutou a Sr.^a Amelia Polini, um soprano ligeiro com elementos de primeira ordem para ser uma apreciavel e talvez uma distincta cantora se uma horrivel oscillação da voz não a prejudicasse constantemente. E nada mais é preciso dizer.

O tenor Franceschini, a quem já nos referimos no numero anterior, conseguiu fazer-se applaudir sem favor na *Hebrea*. Mais ou menos hesitante no decorrer da opera, como quasi todos os outros artistas, disse com muita expressão a aria do 4.^o acto: *Rachele allor che Iddio*.

Um outro tenor, Gaetano Pini Corsi, debutou tambem na *Hebrea* na parte de principe Leopoldo. Este artista era talvez o unico que conhecia bem a opera. Tem voz bonita, de timbre agradável, sobe mesmo com alguma facilidade e se ás vezes durante os primeiros compassos d'uma melodia a afinação não é muito justa, tem o ouvido preciso para se corrigir. E' um artista aproveitavel.

Na mesma opera debutou tambem o artista Gaudio Mansuetto. Voz de baixo profundo pura, bem timbrada, como ha muitos annos não ouvimos, o Sr. Mansuetto não devia começar a sua carreira artistica sem para ella se ter preparado convenientemente.

Demais, se hoje é muito difficil fazer cantar operas como o *Guilherme Tell*, *Huguenotes*, *Puritãos*, *Roberto*, etc., porque raros são os tenores que podem arcar com tão elevadas tessituras, pois que Rubini, Nourrit e Duprez foram tenores excepçionaes, não é menos difficil obter baixos profundos que cantem taes operas. E' mesmo mais difficil encontrar hoje um baixo profundo do que um tenor em taes condições. Mais uma razão portanto para que o Sr. Mansuetto, com tão raros e preciosos elementos, fizesse o sacrificio de se dedicar como devia ao *bel canto*, de modo a nada deixar a desejar sempre que tivesse de cantar uma cavatina.

O sr. Mansuetto foi com justiça applaudido, principalmente na scena da maldição, que disse correctamente.

E agora que acabamos de nos referir aos artistas que debutaram na *Hebréa*, faremos algumas referencias ao tenor Orazio Cosentino, que debutou no *Othello*. Voz de timbre agradável, afinada, suave mas um tanto oscillante pelos esforços que o artista faz para a tornar forte, era digna de ser empregada com mais algum criterio. Isto apesar do sr. Cosentino mostrar que é um artista consciencioso e intelligente, embora um tanto nervoso. Daremos a razão do que dizemos.

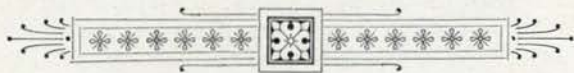
Houve falta de criterio em cantar o *Othello*. O sr. Cosentino não tem envergadura artistica para opera de tamanho folego. Mostrou-o logo na phrase de entrada, que exige voz de *forte tenor*. No resto da opera, nos lances mais fortemente dramaticos, o sr. Cosentino teve de forçar a voz a esforços com que ella não póde e por vezes os sons saiam estridentes e asperos. Já outro tanto não succedeu com o *Sansão*, embora a estrophe do 1.º acto e a invocação ao Deus d'Israel exijam vigôr. E' uma opera que está muito mais na tessitura da voz do sr. Cosentino e por isso o seu trabalho artistico foi muito mais digno d'applauso, que o auditorio regateou, porque ouve sempre esta obra prima de Saint-Saens com a inconsciencia de quem não a comprehende. Nem o censuramos por isso. Em S. Carlos, como em toda a parte, o bilheteiro pergunta por dinheiro e não exige uma carta do curso d'harmonia de qualquer conservatorio a quem compra o bilhete.

A *Bohème* e a *Hebréa* foram dirigidas pelo maestro Juan Goula Fité. Os movimentos demasiado lentos e arrastados na *Bohème*, para o que contribuiu bastante a sr.ª Pandolfini, fizeram-nos lembrar a receita que n'um dos seus romances Julio Verne administra aos indolentes habitantes d'uma certa cidade: mergulhar o maestro numa atmos-

phera d'oxigenio Na *Hebréa* já felizmente os movimentos foram levados um pouco mais a rigôr. Pena é que a orchestra e côros não pudessem ter mais alguns ensaios de apuro.

15 de janeiro.

ESTEVES LISBOA.



Argumentos d'operas

Germania, opera de Alberto Franchetti libretto de Luiz Illica em um prologo, 2 quadros e epilogo.

A acção decorre desde 1806 a 1813. O prologo passa-se n'um velho moinho, nas cercanias de Nuremberg, onde se occultam alguns estudantes patriotas que conspiram a independencia do paiz, sob o ferreo dominio napoleonico. Ahi tambem se esconde o typographo Palm, perseguido pela policia franceza por haver impresso e espalhado um escripto patriotico. A occultas trabalha uma pequena typographia, e os seus impressos sahem reconditos nos saccoes de cereaes e grãos. Representa de dono do moinho o antigo estudante Carlos Worms, cujo secretario e confidente é um outro, chamado Crisogono.

Sem que bem se explique a sua appareição, comparece Ricke e a irmãinha Jane. Está triste e ansiosa por haver noticias de seu irmão Jorge e do namorado Frederico Loesse, que ambos luctam pela patria. Entram outros estudantes, disfarçados em arrieiros, que lh'annunciam a breve vinda de Frederico, mas a noticia longe de a alegrar mais a entristece. O motivo acclara-se em breve. Ricke foi seduzida por Worms, e este força-a a occultar o segredo d'ambos ao que a joven obedece intimidada.

Entra Loesse com a triste nova da morte de Jorge, que cahiu victima dos inimigos da sua patria. No momento solemne de se despedir da vida confiou-lhe a irmã Ricke, e pediu-lhe que fosse seu marido, o que Frederico acceita com a anciedade da propria paixão. Com Frederico entraram os estudantes delegados das Universidades d'Allemanha, e entre esses Weber cujo hymno revolucionario Wilde Jagd (caça selvagem) todos entoam em côro. Quando cantam a segunda estrophe, o moinho é assaltado pelos francezes, a quem o pequeno pastor Jebel denunciou o moinho e o refugio de Palm. Este effectivamente é descoberto no seu esconderijo, preso e manietado, sem que os estudantes ousem oppor-se. Termina

assim o prologo, repetindo a pequena Jane ainda a canção patriotica de Weber.

O primeiro quadro decorre n'um recanto da Floresta negra de Wurtemberg, na cabana d'um lenhador, depois da campanha de 1806. Frederico com sua mãe, Ricke, e Jane vivem ali refugiados. De Worms nada sabem e julgam-no morto. Crisogono veio reunir-se a Frederico, que como todos os voluntarios de Lutzow erram em bandos. Aquelle considera Worms morto, mas Frederico nutre esperanças de que tal não seja. Enquanto os lenhadores da floresta vem saudar a mãe de Frederico e Ricke, Jane procura consolar com as suas fallas d'innocencia a desolada irmã. Sobrevem o pastor protestante Stapps, patriota ardente, e este com Crisogono e o camponez Peters como testemunhas, realisa o casamento de Frederico e Ricke. Quando estes ficam sós, apesar dos esforços de Frederico, Ricke não pode conjurar a previsão assustadora de qualquer proxima desventura. Entretanto ella propria está para ceder á violencia da paixão, e vae conceder ao marido o beijo supremo, quando se ouve fóra a voz de Worms. Frederico que a reconhece sahe em sua busca. Ricke retrahese no angulo d'um reposteiro, quando entra Worms, envelhecido e quebrantado. Ferido durante a batalha foi feito prisioneiro, mas poudo simular a morte, e, ficou n'uma casa com um montão de cadaveres. Alta noute saltou pela janella, e os seus passos de fugitivo o conduziram ali. Frederico encoraja-o, e diz-lhe que chegou n'uma hora bem ditosa, pois que acaba de esposar Ricke, que mostra a Worms. Confusão extrema dos dois antigos amantes, e Worms, nao obstante o temporal imminente, parte, conduzido por Frederico que lhe vae ensinar o caminho.

Ricke ficando só, em meio do mais cruel desespero, delibera fugir; escreve rapidamente uma carta, e depondo um beijo no travesseiro da sua cama nupcial, sahe de casa. Entra Frederico que procura debalde a mulher, acha a carta e subito ocorre-lhe a terrivel suspeita, que as revelações inconscientes da pequenita Jane acabam de lhe confirmar. Entretanto a tempestade tem serenado, e a lua projecta o seu disco luminoso. Frederico sente a sua colera desatar-se com as lagrimas.

O segundo quadro passa-se em Koenigsberg nos subterraneos da Sociedade Clandestina «Luiza Bund» Os assistentes, todos mascarados, são presididos por Worms, que lhes annuncia o advento da «Santa Alliança». Conduzem um espia que surprehenderam. E' o pequeno Jebbel, que amedrontado confessa ter sido o denunciante de Palm, no moinho de Nurenberg. Entrega o ouro com

que lhe foi paga a denuncia, ouro que nunca quiz nem poudo gastar. Sentenciam-n'o á morte, mas um dos presentes reclama-o para o redimir. Esse impulso generoso exalta a assembleia, á qual o pastor Stapps apresenta um lenço ensopado no sangue do proprio filho, morto pela patria.

Worms excita á fé pela defesa patria; sobrevem Frederico que o increpa atrozmente e força a bater-se; no momento em que cruzam os ferros apparece a Rainha Luiza que se interpõe, e lhes diz que consagrem o seu sangue e esforço pela libertação do paiz.

Um *intermezzo* symphonico precede o epilogo, muito curto. Na planicie de Leipzig depois da tremenda batalha, por muitas vezes dita «das nações» o chão está coberto de mortos e feridos. Entre os corpos cahidos vagueiam duas sombras, Ricke, e Jebbel, vestido de tambor e ferido na cabeça. Elle narra á sua companheira os lances do tremendo combate e a horrirel carnagem. N'isto, ouvem um gemido, e Jebbel descobre o corpo de Frederico, mortalmente ferido. Ricke que o procurara anciosamente e em vão, ajoelha junto do bem amado com terna sollicitude. Ainda respira, e portanto instilla-lhe algumas gotas d'um cordeal. Frederico momentaneamente reconfortado, pergunta: Quem venceu? Germania, responde-lhe Ricke. Abençoada palavra. E's Ricke? Sei bem as tuas dores. Estás innocente, e agora morro feliz. Antes porém que exhale o ultimo arranco sente-se avisinhar um tropel de gente armada. Pergunta ainda o que seja. Ricke exclama: *Laggiu nell' ultimo confin, fra il mondo e Dio, cavalca un' appariçione. Guarda!*

O moribundo soergue-se, e póde ainda vêr Napoleão, curvo e abatido, seguindo as bandeiras, das suas hostes vencidas. Frederico solta o ultimo suspiro exclamando: Oh Germania livre!

CONCERTOS

Se bêm que a noticia seja um tanto retardada, não pudemos deixar de registar o grande exito do 11.º concerto da *Escola de Musica de Camara*, que, como se sabe, teve logar na data annunciada de 31 de Dezembro.

O septuor à *la trompette* que a Escola teve a satisfação de fazer ouvir pela primeira vez em Portugal teve um acolhimento que excedeu toda a expectativa, sendo bisado o terceiro andamento e assignalados todos elles por uma estrepitosa ovação.

Revelou-se, n'esta bella obra de Saint-

Saëns um novo artista, que pela primeira vez se apresentava na musica de camara, o Sr. Joaquim A. Martins J.^{or}, que executou a parte de clarim com tal firmeza, suavidade de som e correccão, que deixou maravilhados todos os que tiveram a fortuna de o ouvir. Um sincero bravo ao distincto artista.

No respeitante á *sonata* de Godard, op. 9, que se lhe seguiu, dividiram-se as opiniões dos apreciadores, sendo uns de parecer que a obra pecca por confusão e pobreza de effeitos e julgando outros pelo contrario que é trabalho digno sob todos os pontos de vista de figurar nos bem elaborados programmas da *Escola*; somos decididamente por estes ultimos e nunca cançaremos de ouvir o primeiro tempo e o andante d'esta bella composição, que são simplesmente deliciosos, a nosso gosto. Os outros numeros mesmo ganharão muito em serem mais frequentemente ouvidos e obterão por fim o favor dos que hoje os não apreciaram.

Terminou o concerto com o *quinteto* de Mendelssohn, cujo exito não foi mais que a confirmação do applauso que já lhe tinha sido conferido em anteriores concertos.

Brevemente, ao que nos consta, terá logar o terceiro concerto da *Escola de Musica de Camara* com um programma quanto possivel interessante e attrahente.

O concerto será inteiramente consagrado ás obras de Mendelssohn e constará dos seguintes numeros :

QUARTETO DA CANZONETTA
SONATA DE VIOLINO E PIANO
QUINTETO DE CORDAS

sendo a primeira vez que este diligente grupo musical executa o famoso quarteto.

*

O acontecimento magno da presente quinzena musical foi indiscutivelmente a serie de 3 concertos da orchestra do Chatelet, sob a direcção de Eduardo Colonne.

Compunha-se este nucleo de notaveis instrumentistas dos seguintes naipes :

12 primeiros violinos
8 segundos violinos
7 violettas
6 violoncellos
6 contrabaixos
10 instrumentos de sopro (madeira)
12 instrumentos de metal
3 instrumentos de percussão
2 harpas

notando-se entre elles alguns solistas de alto valor como o flautista Barrère, o violinista Forest e outros.

Das excellencias d'esta orchestra disse bastante o entusiasmo do publico e os louvores quasi incondicionaes da critica diaria; consubstanciando porem em duas palavras a nossa impressão pessoal diremos que difficilmente se pode exceder a precisão, unidade e malleabilidade d'aquelle admiravel grupo de violinos, que diriamos ás vezes invencivelmente suggestionados pela sublime batuta do mestre. As flautas, oboés, clarinetes e fagotes evidenciaram-nos por vezes uma notavel virtuosidade e qualidades de som verdadeiramente raras, notando-se porem no primeiro concerto e mesmo ás vezes no segundo uma sensivel discordancia de afinação com o resto da orchestra. Quanto ao terceiro grupo, o dos instrumentos de metal, deixou por vezes a desejar, no tocante á firmeza do ataque e á segurança de diversos passos em que tinha de salientar-se.

Apressamo-nos porem a declarar que estas ligeirissimas restricções, que a nossa posição na imprensa periodica nos obriga a deixar registadas, não entibiam de forma alguma a profunda commoção que nos avasaliou ao ouvir a magnifica orchestra franceza e ao admirar o seu illustre e prestigioso Mestre.

Commoção inesquecivel e admiração tão respeitosa e sentida, quanto é certo que o nome de Colonne, o actual decano dos regentes d'orchestra, é um nome universalmente venerado em todo o mundo musical.

A orchestra de Colonne, que já tinhamos tido a fortuna de apreciar fora de Portugal, distingue-se principalmente pela *côr* e é acima de tudo nas obras de coloração viva, de tintas quentes e ricas que esta notavel phalange de musicos se eleva a quasi intangiveis culminancias d'arte. D'ahi o vibrante successo dos bailados da *Herodiade*, da *Danse macabre*, dos fragmentos da *Arlésienne*, das *Impressions d'Italie*, da *Damnation de Faust*, do prelude do *Fervaal*, dos dois numeros intermediarios da symphonia de Lalo e finalmente dos deliciosos bailados do *Henrique VIII*. E fora da musica franceza, em que o temperamento dos executantes e as tradições de escola se haviam de necessariamente impôr, é ainda nas obras de côres accentuadas ou de expressão bem accusada que a genial orchestra nos consegue electrizar e arrebatara. Taes são a *Fileuse* de Mendelssohn, os dois ultimos numeros da *Suite* de Bach, certos trechos da *Simphonia pastoral* e as duas danças de Brahms, que se executaram no 3.º concerto.

Impossivel se nos torna analysar um a um

os 39 numeros de musica, com que a orchestra Colonne nos deliciou e dos quaes 12 foram repetidos, a instantes pedidos do publico; mas citando os nomes de Bach, Beethoven, Mendelssohn, Schumann, Liszt, Wagner, Brahms, Berlioz, Lalo, Franck, Massenet, Bizet, Saint-Saëns, d'Indy e Charpentier, que todos figuraram no programma das tres sessões, verão os que não assistiram a ellas que perderam não sómente uma alta e rara lição d'esthetica, mas ainda uma occasião, para muitos unica, de apreciar as evoluções em que a musica orchestral se tem desdobrado, no lento decorrer de dois grandes seculos.

E quando a lição é ministrada por um Colonne e por uma orchestra como aquella, são para lastimar os que faltaram.

*

Conforme annunciaramos effectuou-se no Salão do Conservatorio, a 8, a festa musical de uma artista portugueza, a sr.^a D. Isaura de Mello Callado, que se nos apresentou no triplo papel de violoncellista, pianista e cantora.

Sob esta ultima feição, que suppomos seja a dominante na personalidade de D. Isaura, seria flagrante injustiça não lhe tribuarmos aqui os melhores louvores pela sua sympathica e extensa voz e pela appropriada dicção e *maneira*, com que interpretou algumas das peças annunciadas. Conhece-se bem a proficiência e o *savoir faire* de Augusto Machado, de quem foi discipula.

Tomaram tambem parte n'este sarau duas talentosas discipulas de Francisco Bahia, as Sr.^{as} D. Flora Nazareth Silva e D. Candida d'Azevedo, uma distincta discipula de Bettencourt, a Sr.^a D. Laura Croner, o estimado violinista Nicolino Milano e o actor Bellard da Fonseca.

Acompanhadores ao piano: — D. Isaura Callado, Julio Silva, Angelo Barata e Nicolino Milano, que tambem se apresentou como auctor de duas formosas composições vocaes e de uma *berceuse* para violino e piano.

*

A primeira audição da *Sociedade de concertos e escola de musica* teve lugar, com grande assistencia de socios e convidados, no salão de D. Maria em 11 do corrente mez.

Um grupo de gentis senhoras encarregou-se de abrir o concerto com dois pequenos trechos, que tiveram, especialmente o segundo, uma execução muito correcta; a pequena orchestra feminina compunha-se de 5 violinos, 1 violeta, 2 violoncellos, harmonium e piano, sob a direcção do distincto violinista Cardona.

Seguiram-se varios solos de piano e de canto, em que tivemos occasião d'apreciar e applaudir as sr.^{as} D. Bertha Santos, D. Henriqueta Guimarães e D. Rachel de Sousa.

Tres coros orpheonicos, sob a regencia do incansavel e illustre Guilherme Ribeiro fechavam a primeira parte do concerto, sendo bisados os dois ultimos numeros. Grandes progressos tem feito este pequeno orpheon e alguns dos naipes vocaes que o compõem, particularmente o dos baixos, merecem louvor muito especial.

Na 2.^a parte do concerto deram-nos uma bella audição do *Quinteto da truta* os distinctos artistas Marcos Garin (piano), Julio Cardona (violino), Frederico Guimarães (violeta), A. de Moraes Palmeiro (violoncello) e Filipe da Silva (contrabaixo).

Era o numero capital do programma e sem duvida o mais interessante. Associamo-nos com o maior prazer aos applausos com que os illustres tocadores foram saudados n'esta admiravel obra prima de Schubert, que nunca nos cançamos de ouvir; se bem que não concordemos com o movimento de alguns dos numeros e nomeadamente do Scherzo, em que achamos pouco brilho, admiramos incondicionalmente a maneira artistica como muitos dos outros numeros foram interpretados e a virtuosidade que cada um dos concertistas patenteou na parte que lhe estava confiada.

*

As exigencias de impressão do nosso quinzenario obrigam-nos a dar sómente conta do primeiro concerto Friedenthal, por não se ter ainda realisado o segundo no momento de escrevermos estas linhas.

São as mesmas exigencias que nos impedem de enunciar considerações e commentarios que não deixariam de ter cabimento na presente conjunctura, mas que temos de reservar para melhor oportunidade.

Limitamo-nos portanto a dizer que Alberto Friedenthal nas variadas peças de Chopin, Brahms, Schumann e Tschaikowski, com que se apresentou ao publico lisbonense na noite de 12, conseguiu ter momentos felizes em muitas das obras de expressão e sentimento, não logrando captivar o auditorio nem pela bravura, nem pelo estylo, que uma e outro deixam consideravelmente a desejar.

A execução é sempre frouxa em Friedenthal, a nitidez ressen-te-se a cada momento e os passos, cujo meio expressivo é o brilhantismo e a força, carecem geralmente de grandeza.

Esta é a nossa opinião sincera que não podemos callar, apesar de ter vindo este ar-

tista expressamente recommendado á nossa direcção; e n'este dever de lealdade para com os nossos leitores, vae envolto um amargor, que nenhum dos nossos criticos desconhece e que alguns já têm confessado — o de não poder, pelas infelizes circumstancias do meio, ser igualmente claro em todas as conjuncturas identicas.



D. Beatriz da Fonseca Pinheiro



Cabe-nos o grato ensejo de perfilar uma amadora d'indiscutivel merito, que se tem apresentado com elevada distincção como harpista, nos concertos da Real Academia, e cujas aptidões musicas são realçadas por verdadeira e profunda intuição artistica

D. Beatriz da Fonseca Pinheiro, a nossa gentil perfilada, estudou desde muito nova musica e piano sob as intelligentes vistas de sua mãe, D. Miquelina Pinheiro, que dirigiu igualmente os estudos d'outra filha, D. Elvira Fonseca Pinheiro, distincta pianista e compositora.

Desde muito nova que a nossa perfilada se apresentou n'algumas sessões musicas, como pianista.

Contando apenas 14 annos começou a estudar harpa com M.^{me} Colombini, harpista do Theatro de S. Petersburgo, e tinha apenas um anno d'estudos, quando foi forçada a interrompel-os.

A sua vocação para aquelle formoso instrumento era porém irresistivel, e quasi entregue ás suas proprias faculdades, progrediu por tal fórma que mais tarde, ao recommear o estudo com a mesma professora, esta se maravilhou do seu aproveitamento.

Tomou parte n'alguns concertos de caridade, realisados na cidade d'Evora, onde residiu com sua familia algum tempo, e hoje é como dissemos harpista da orchestra da Real Academia, onde é considerada como um precioso elemento, uma amadora distinctissima das mais evidentes da nova geração musical.

COLLINE.

NOTAS VAGAS

Cartas a uma senhora

XLV

De Lisboa

Escrevo-lhe com a alma transbordante ainda da divina emoção que a orchestra de Colonne dentro de mim lançou, e ao pensar que agora iremos, todos quantos tivemos a fortuna de escuta-la, recahir na passiva modorra que lentamente nos anda apodrecendo, invejo os que, como a minha amiga, tão perto estão d'alguns d'esses focos geradores da civilisação e da vida...

Bem sei que no pacato logar onde vive tambem se não delicia a miude com tão precioso mimo, mas basta-lhe tomar um bilhete de comboio e sacrificar duas horas ao caminho, e logo se encontra em plena atmosphera musical, e logo os seus ouvidos recebem o divino pasto incomparavel da Belleza diluida em sons...

Aqui, carecemos sempre de a mendigar. Foi hontem á Philharmonica de Berlim, foi agora a uma orchestra de França, será amanhã a um quartetto tcheque, e só raro é a um grupo de profissionaes portuguezes! Triste, triste.

E no emtanto eu que ainda não sou precisamente o que se chama um velho, eu recordo com saudade os deliciosos e inestimaveis tempos em que homens como Barbieri e este mesmo Colonne, e Rudolf, e Brenner, e Dalmau, e Cossoul, puderam dirigir orchestras compostas com elementos da nossa terra! Eram os tempos dos Croners e de Neuparth, de Carlos Campos e de Sergio da Silva, de Freitas e José Rodrigues, e de tantos outros em summa, que mantinham alto e brilhante o nome de Portugal...

Havia então uma associação musical, e era possivel mandar vir do estrangeiro ou encontrar aqui um maestro que tivesse a quem dirigir. Hoje, o que succede hoje? a propria orchestra do nosso pretendido templo lyrico, precisou de recrutar muitas das suas figuras entre o elemento estrangeiro, porque organisados sextettos nos demais theatros, não poderiam aquelles que os compõem trocar o certo pelo duvidoso sacrificando o pão de alguns mezes pela carne de uma dusia de semanas, pelo que forçoso foi preencher assim as lacunas produzidas...

Vocações, notabilidades, de certo não deixaram de surgir, e não quero acreditar que

a raça esteja tão decadente já que nem ao menos logre conservar o que outros crearam, mas a indestructível verdade manda escrever que no actual momento não seria possível dar aqui, na capital, uma serie de concertos com uma orchestra, em termos, exclusivamente constituida por musicos nossos...

Falam os antigos frequentadores de S. Carlos dos trechos celebres em que o violoncello magico de Sergio parecia todo elle vibrar com a alma atormentada e estranha d'esse bohemio de genio, que foi levar aos cafés da mouraria os ultimos arrancos de uma natureza tão ricamente dotada e tão duramente contundida; falam do Ribas, do velho Freitas e até d'aquelles que conservando nomes estrangeiros já no emtanto eram de todo portuguezes; agora muitos d'esses ou não deixaram successores ou os não deixaram lá, e desmanchado o nucleo, nunca mais ninguem cuidou de reorganizar o...

E todavia nas novas camadas não escasseiam de certo interessantes e notaveis figuras que agrupando-se pouco a pouco logriam porventura reatar tradições honrosas; mas, ainda n'isto, como no resto, falta o messias desejado, o carola indispensavel que a todos enthusiasme e congrege, e que partindo elle proprio do meio musical da occasião tenha a fé bastante para acreditar nos destinos superiores da sua *ghilda* por muito miseravel e pequena que ella a principio seja, e de vez se resolva a ser propheta — *mesmo na sua terra*... sem se importar com os amargores do dictado.

Começar-se-hia por arregimentar executantes, educando-os e influindo-os, e acabar-se-hia por crear outros novos. Depois entrar-se-hia na segunda phase do problema, o estudo scientifico e serio da musica nacional popular ou sabia, e assim se animaria a creação e a genese dos trabalhos originaes, que em toda a parte, e em todos os ramos, não surgem por geração espontanea...

Mas aonde iria eu boa amiga, se me deixasse levar por um dos meus *dadas* favoritos! Perdoe-me porém, e considere que é o muito amor que voto a esta cada vez mais malaventurada patria, presa de cynicos e de scepticos, que, como sempre, me faz devanear e treslar...

Ah! minha senhora se conforme um d'estes dias escrevia Marcel Prévot *la femme est dans le sein des nations lasses un grand peuple neuf*, quem me dera que nas reservas femininas do Portugal que começa surgir a legião sagrada que d'aqui fizesse o que nós homens evidentemente não temos sabido fazer!

E vamos que se começasse pela musica, a revolução seria profunda sem deixar de ser harmonica, pois que já lá o disse o poeta, as melhores revoluções são as que se realisam cantando...

Aqui tem porque eu querendo por exemplo falar-lhe d'esse inesquecivel *Fervaal*, de Vincent d'Indy e da sempre viva e sempre divina aria d'esse Bach que até nas suas *badianeries* se nos revelou um Deus, tudo isso puz de lado, e vim a final a falar-lhe das nossas tristezas e das nossas misérias, como se V. Ex.^a, mesmo de longe, não as conhecesse tão bem...

Comtudo, e com isto termino, até cingindo-me a assumptos d'arte convem ir dizendo certas coisas, porque: *l'arte col suo fuoco distrugge ogni contagio d'infezione e ha in sé un acido corrosivo dissolutore dei miasmi perniciosi e benefici*.

Vae no proprio idioma original este conceito de Forster, porque não trahirei a idéa do pensador, e V. Ex.^a comprehenderá o intuito de quem o cita...

AFFONSO VARGAS.

NOTICIARIO

Do paiz

Recebemos do maestro Sarti uma circular, em que elle expõe a sua louvavel iniciativa de, procurando desenvolver o gosto pela musica do canto, estabelecer desde já em sua casa aulas de *ensemble* vocal, que funcçãoarão ás quintas feiras das 4 ás 6 da tarde e aos domingos das 2 ás 4 horas.

Recorda a circular o quanto de identico e semelhante se faz actualmente n'outros paizes, citando notoriamente a *Scola cantorum*, de Paris, onde é um dos professores mais distinctos o nosso compatriota Francisco de Lacerda. Sem pretender attingir tão consideraveis resultados envida o melhor dos seus esforços para que os trechos de conjuncto se generalisem e se façam ouvir cada vez em maior escalla.

A séde das aulas é em casa do maestro Sarti — Rua Castilho, 34, 2.º, e começaram a 8 de janeiro.



Os ensaios da *Germania*, opera de Franchetti, uma das novas partituras que na actual epoca de S. Carlos se hão de cantar, progridem activamente sob a direcção suprema de Cleofonte Campanini, secundado pelos seus collaboradores Fazio, Fôa e Co-

divilla. A primeira recita deve realizar-se muito antes do fim de janeiro.

Dedicou-se ao professorado de canto Madame Adelina Colombini, que ouvimos duas epochas no Colyseu dos Recreios como soprano lyrico. Para tratar na Rua Aurea, 269, casa de modas Silva Soares.

Do quartetto tcheque que vamos ouvir este anno nos concertos de S. Carlos faz parte na qualidade de violetta o distinctissimo musico Oscar Nedbal, e em virtude de haver fallecido a esposa do illustre artista é que se addiou, forçosamente, por tão triste acontecimento a vinda do afamado quartetto. Todavia cremos que na proxima semana já o ouviremos.

Os jornaes de Leipzig são unanimes, e porfião em qual ha de tecer mais rasgados encomios aos meritos tão singulares da nossa eximia compatriota D. Guilhermina Suggia. A propósito da sua recente apresentação n'um concerto do Gewandhaus, prodigalisam-lhe as mais amaveis referencias, e terminam por agradecer, á direcção dos concertos d'aquelle importante estabelecimento musical, o haver-lhe proporcionado ensejo de conhecer um dos mais raros talentos que ali se tem produzido.

Como portuguezes e apóstolos entusiasmados da musica sentimos verdadeiro jubilo com a opinião, tão franca, e ardentemente exposta, em prol dos meritos da nossa talentosa compatriota.

O illustre maestro Eduardo Colonne offereceu ao director d'esta revista um magnifico retrato com amabilissima dedicatória, recordando assim gentilmente a parte activa que o nosso director teve na vinda do grande maestro e da sua orchestra.

Entre os artigos diversos em que os nossos collegas da imprensa diaria apreciaram, mais ou menos benevolmente, o pianista Friedenthal, ha um que nos fez francamente sorrir.

E' o do Sr. Mar-Mellus, no *Jornal do Commercio*, quando nos diz que o piano de Bechstein não tem as qualidades precisas para se traduzir Chopin, e considera o facto como attenuante á deficiente interpretação da obra chopiniana.

Tem realmente graça e occorre perguntar qual é o piano que o Sr. Mar-Mellus aconselha para cada um dos auctores que tem escripto para piano, a começar em Beethoven e a acabar no anonymo auctor da... *Cirandinha*.

O peor é que os infelizes concertistas do futuro, que vão tomar de certo a peito as considerações do abalisado critico, se verão forçados a rodear-se de um armazem de pianos para a execução de cada um dos seus programmas.

Segundo lemos nos jornaes de Ponta-Delgada continua a ser ali alvo da mais lisongeira acolhida o sr. Carlos de Mello, violoncellista de merecimento que emprehendeu uma *tournee* de concertos aos Açores. Constatam unanimemente a excellente escola do sr. Mello, bom estylo nas phrases melodiccas e a firmeza do arco nos cantos largos, qualidades que lhe reconhecemos de ha muito.

Do Estrangeiro

O grande pianista francez Raoul Pugno prosegue triumphalmente a sua *tournee* de piano pela America. Depois dos grandes successos alcançados em New-York, estavam-lhe reservados no Canadá ainda maiores e mais ruidosos. Parece que o celebre pianista regressa brevemente a Paris, forçado pelas condições da sua vida musical.

O grande violinista francez Jacques Thibaud, que ha dois annos ouvimos nos concertos de S. Carlos, alcançou o mais extraordinario successo n'uma serie de concertos que acaba de realizar em Paris.

Obteve um ruidoso successo no *Scala*, de Milão a *Damnation de Faust*, de Heitor Berlioz. Entre os interpretes principaes figuravam o tenor Zenatello, applaudido na passada epocha no nosso S. Carlos, e o barytono francez Renaud, que deve ter magnifico registo grave, para poder sustentar a *tessitura* da parte da Mephistopheles, escripta para baixo.

Para festejar o proximo anniversario do nascimento de Racine, o theatro de *Odeon*, de Paris, prepara uma representação extraordinaria da *Esther*, tragedia celebre do grande poeta, com a musica escripta expressamente para ella por J. B. Moreau, compositor francez que viveu de 1655 a 1733, e occupou o posto de director da Capella Real de Luiz 13, de França.

Madame Alexander-Marnis, cantora de concertos, percorre actualmente as principaes cidades dos Estados-Unidos exhibindo recitales de canto, compostos exclusivamente de melodias francezas. Nos programmas figuram de preferencia os nomes de Massenet, Fauré, Chaminade, Chausson, Pe-

rilhou, e Alexandre Georges. O successo tem sido consideravel e enthusiastico.

Massenet acaba de terminar um Concerto para piano, o primeiro que escreve no genero. Será interpretado por Luiz Diémer no proximo Fevereiro no Conservatorio de Paris.

A Academia de Santa Cecilia, de Roma festejou com uma brilhante sessão o 25.º anniversario da creação do Lyceu Musical. O ministro da Instrucção Publica de Italia, que se achava presente, annunciou que mandára cunhar duas medalhas d'ouro em honra de Sgambati e Pinelli, dois dos fundadores do Lyceu.

Segundo a estatistica, que em todos os os annos publica a *Gazetta Musicale*, de Milão, cantaram-se durante o anno findo de 1902 cincoenta e uma composições theatraes de musica, entre operas, oratorias, cantatas, operetas, vaudevilles etc. etc.

Em Moscow annuncia-se n'este inverno a estreia de trez novas obras de compositores russos: *Servilia*, de Rimsky Korsakow, *Dobrina Nikistick*, de Gretchaninow, e *Vingança*, de Kocetow.

A primeira representação da nova opera de Vincent d'Yndy, no theatro de *Monnaie*, de Bruxellas devia ter-se realisado a 5 de Janeiro. *L'Etranger* é o titulo da composição.

Eduardo Colonne, que ha pouco ouvimos com a sua celebre orchestra no theatro D. Amelia, antes de partir de Paris havia sido reeleito por unanimidade e d'acclamação — por mais dez annos — chefe supremo da Associação Artistica Musical.

Principiaram os estudos da *Titania*, de Georges Hué, na *Opera comica* de Paris. No mesmo theatro preparam-se *reprises* de *Werther* e *Navarraise*, esta ultima acompanhada d'um novo bailado *La Cigale*, cuja musica é ainda do fecundissimo e inspirado Julio Massenet.

Orpheu nos Infernos, essa graciosa *pochade* musical de Jacques Offenbach, que está novamente em scena nas *Variétés* de Paris, realisou nas primeiras trinta representações a media de cerca de 8000 francos por noute. E digam ainda mal do maestrino de Colonia.

O conselho municipal parisiense estuda no momento actual o projecto da creação de um novo theatro lyrico em Paris. Parece

inclinar-se favoravelmente ao projecto de Mr. Alberto Carré, cujo intuito é transformar em scena lyrica o Hypodromo da praça Clichy.

Na *Opera-comique* de Paris prepara-se uma nova *reprise* da *Ifigenia in Tauride*, uma das obras primas de C. Gluck.



SECÇÃO LITTERARIA

JESUS

(J. RICARD)

I

Os pastores na montanha (Continuação)

- O novo pastor* — Mas... se eu te seguisse, quem guardaria os meus animaes?
O velho pastor — O Deus por quem o menino Deus nos é dado.
O novo pastor — Pois bem, vou contigo.
O velho pastor — Vaes com as mãos vasiaas?
O novo pastor — E tu o que levas?
O velho pastor — Eu, sou pobre, amigo. Nenhuma das cabeças de gado que eu guardo é minha. E estou tão amofinado que nem dormi. Mas espero, que apesar de não ter gado nem lã, com a flauta que eu sei tocar, mostrarei todo o sentimento por esse menino que veio nushinho como um passaro, nascer n'esse humilde logar.
O novo pastor — Eu matarei as minhas duas pombas, se a tua noticia é verdadeira, em honra do teu Deus!
O velho pastor — O meu Deus... fará sahir os mortos dos tumulos! Ninguem deverá nunca mais morrer pelo ferro ou pelo fogo. Leva as tuas pombas, vivas, e verás como Elle lhes fará festas. Leva tambem pombas brancas e verás como as beija, chorando. Mas já o boi e o burro conhecem a sua ternura... Vamos, um Deus bom, meu irmão, é o unico grande!

II

A Estalagem de Bethlem

- José* — Faz tanto frio! Se nos desses um logar ao teu lume.
Estalajadeiro — Não.
José — Minha mulher está grávida.
Estalajadeiro — Oh! eu espero.
José — Eu vos peço...
Estalajadeiro — Não! ainda que fosses Deus ou o diabo, não te daria logar na minha estalagem.

José — Ella soffre tanto!! Nas suas entranhas traz um fructo innocente. Queres tu que a nossa esperança, irmão, morra ao nascer?

Estalajadeiro — Pobre mulher!... Queres deitar-te no meu curral?

Maria — De boa vontade.

Estalajadeiro — Vinde. Está aqui tudo que vos é preciso, tendes no feno a cama, o burro e o boi, que são muito mansos, darão calor.

III

Os pastores no curral

O velho pastor — Olha, já puzeram sobre a palha muitos presentes, aves, queijos, os melhores thesouros do pobre que trabalha. Quererá elle ouvir sómente esta modesta flauta?!! Irmão, offerece primeiro as tuas brancas pombas.

O velho pastor — Offereço-vos, Senhor, estas tristes avesinhas...

O velho pastor — Olha, como elle imita com os bracinhos as suas azas!

O novo pastor — Escuta, como elle imita com os labios o cantar das aves!

O velho pastor — Emquanto a mim, Senhor, sou pobre e trago sómente...

Maria — O quê!

O velho pastor — Não me atrevo a dizer. E' tão pouco!

José — Que sussurro é esse que ouço á porta?!

Um pagem — (entrando) Os Magos do Oriente que veem ver o Filho de Deus: uma estrella foi o guia da viagem...

O velho pastor — Irmão, retiremo-nos por um instante, occultemo-nos.

E' melhor deixar entrar estes reis e todos as suas comitivas. Podemos ficar alli ao canto do curral.

O pagem — O tecto é baixo, é melhor os dormedarios ficarem lá fóra. (annunciando os Magos) O Senhor Balthazar, o Senhor Melchior, o Senhor Gaspar seguidos dos seus altos dignatarios. Veem offerecer incenso, myrra e ouro.

O novo pastor — E' melhor sahir do nosso canto. Anda que já os vejo.

O velho pastor — Rir-se-hiam da nossa pobreza.

O novo pastor — Pzeram corôa e mantos de seda!!

O velho pastor — Sim, mas Jesus faz a sua corôa de luz.

Os tres Magos — O' Senhor, rei do ceu...

Maria — Perdoai-me, grandes Magos, um homem estava alli, quando entraram, que ainda não tinha acabado de render as suas homenagens a meu Filho que todos ado-

ramos. Julgar-se-hia desprezado pela sua pobreza. (Ao velho pastor) Porque te occultas, homem honrado?

O velho pastor — E' que nada tenho que offerecer, senão uma insignificante aria na minha flauta.

Maria — Vinde. Vieste de tão longe para ver Jesus. Vamos, toca pastor! Nós gostamos de musica.

O velho pastor — (ao novo) Eu obedeço, mas tenho vergonha.

O novo pastor — Toca com os olhos fechados.

O velho pastor — Não, eu quero ver o menino (toca).

Maria — Elle diz no seu canto, a paz do seu bom coração e a gloria dos ceus.

José — A musica parou.

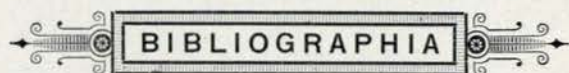
Maria — Jesus riu-se.

José — Que dirão Balthazar, Gaspar e Melchior?!

Maria — Está bem, pastor; podeis entrar grandes reis, podeis agora offerecer myrra e oiro.

Trad. para prosa por

ALFREDO PINTO SACAVEM.



O distincto professor Guerreiro da Costa que emprehendeu ha tempo a publicação de um methodo de musica, theorico, pratico e progressivo acaba de publicar o segundo volume da 1.^a parte, que por si se divide em duas secções: a primeira tratando de exercicios desenvolvidos do Rhythmo em todos os compassos mais em uso; exposição e exercicios em todas as claves e secção de solfejos entoados; a segunda comprehendendo a theoria dos intervallos, alterados e compostos, inversão dos mesmos, escallas chromaticas. Conjunctamente publicou um appendice á primeira secção do 1.^o volume contendo exemplos praticos de solfejo entoado e escalas diatonicas.

E' uma obra valiosa no campo da musica didactica, e que abona os profundos conhecimentos technicos do distincto autor. Pela nossa parte agradecemos a extrema amabilidade com que se dignou offertar um exemplar de cada um dos volumes ao nosso Director, Michel'angelo Lambertini.



Recebemos ainda do nosso sollicito correspondente em Roma um exemplar boletim anniversario da Academia de Santa Cecilia, d'aquella cidade, correspondente ao 25.^o anno da fundação do Lyceu Musical. Agradecemos penhorados.

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS - STUTTGART

A casa **Carl Hardt**, fundada em 1855, não construe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **Carl Hardt** distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa **Carl Hardt** obteve recompensas nas seguintes exposições; — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na casa Lambertini, representante de **Carl Hardt**, em Portugal.

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

DA

CASA LAMBERTINI

V. Hussla — 4. ^a Rapsodia Portugueza . . .	Rs.	1.7000
Furtado — Zininha (valsa)	»	500
Pereira — Natus est Jesus (canto)	»	500
Mantua — Pas de quatre.	»	500
Oliveira — Caldas-club (Pas de quatre) . . .	»	500
Mantua — P'ra inglez ver (valsa)	»	500
Rover — Arte nova	»	500
Pinto — Confidence (valsa).	»	500
Mackee — Hony Moon (valsa)	»	500

AUGUSTO D'AQUINO
Agencia Internacional de Expedições

SUCCURSAL DA CASA
CARL LASSEN, HAMBURGO

Serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen

» » » Anvers	» » Carl Lassen
» » » Liverpool	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Londres	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak
» » » Havre	» » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

EMBARQUES PARA O ESTRANGEIRO E COLONIAS

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

Rua dos Correeiros, 92, 1.º

ACABA DE PUBLICAR-SE:

Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes

—POR—

ERNESTO VIEIRA

2 Explendidos volumes adornados com 33 magnificos retratos

Na sua maior parte absolutamente ineditos

PREÇO BROCHADO 4\$000 RÉIS

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou em ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, mecanismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa Sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12</i>
Adelina Judice Samora , professora de guitarra, <i>Trav. de S. Sebastião, 26, 4.º, E.</i>
Alberto Lima , professor de guitarra, <i>Rua da Conceição da Gloria, 23, 3.º</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>Rua N. de S. Francisco de Paulo, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Andrès Goni , professor de violino, <i>Praça do Principe Real, 31, 2.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i>
Candida Cilia de Lemos , professora de piano e orgão, <i>L. de S.ª Barbara, 51, 5.º, D.</i>
Carlos Botelho , professor de piano, <i>Travessa de Santa Quiteria, 63, r.c., D.</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Travessa da Piedade, 36, 1.º</i>
Carlos Sampaio , professor de bandolim, <i>Rua de Andaluç, 5, 3.º</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Elvira Rebello , professora de musica e piano, <i>Collegio MOZART, Angra (AÇORES)</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Flora de Jesus Nazareth Silva , prof. de piano, <i>Rua dos Caetanos, 27, 1.º</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>Rua de D. Carlos, 119, 4.º</i>
Francisco Benetò , professor de violino, <i>Avenida, 198, 4.º, E.</i>
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 27, 3.º D.</i>
Isolina Roque , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
João E. da Matta Junior , professor de piano, <i>Rua Garrett, 112.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>Rua das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
José Henrique dos Santos , professor de violoncello, <i>R. de S. João da Matta, 61, 2.º</i>
Julietta Hirsch , professora de canto, <i>Bairro Castellinhos, Rua A. — R. G., 3.º</i>
Léon Jamet , professor de piano e orgão, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>Rua do Salitre, 341.</i>
M.ª Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>Rua da Cruz dos Poyaes, 49, 1.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Maria da Piedade Reis Farto , prof.ª de piano e violino, <i>R. do Arsenal, 124, 2.º, E.</i>
Mathilde Girard , professora de piano, <i>Rua de S. Bento, 47, 1.º, E.</i>
Octavia Hansch , professora de piano, <i>Rua Palmira, 10, 4.º, E.</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, E.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 137, r/c.</i>
Victoria Mirès , professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 3.º, D.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias	1\$ 200
No Brazil (moeda forte)	1\$ 800
Estrangeiro	Fr. 8

PREÇO AVULSO 100 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49 — LISBOA